

TESSITURAS

Revista de Antropologia e Arqueologia

Patrícia dos Santos Pinheiro
Cláudia Turra Magni
Marília Floôr Kosby

ANTROPOÉTICAS: OUTRAS (ETNO)GRAFIAS

ANTROPOÉTICAS: OUTRAS (ETNO)GRAFIAS

Antropoéticas nasce de solo fértil, adubado pela matéria viva em fermentação, das linguagens expurgadas, dos saberes indóceis, motores de criatividade, vetores da novidade, esses assombros aos desejos de hegemonia de alguma ciência pretensamente lapidada nos cânones das mais régias disciplinas. Os trabalhos apresentados neste dossiê estão situados nas fronteiras impuras e perigosas de que fala Mary Douglas (1991), como todas as margens e criaturas ambíguas que não cabem nas categorias bem definidas exigidas por uma visão de campo científico em que o poder da formalística muitas vezes engessa a plasticidade dos materiais com os quais se estuda.

De fato, um certo mal-estar, uma sensação de incompreensão e de encontrarem-se fora do lugar foram expressados por várias pessoas que apresentaram seus trabalhos durante a 31ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), em 2018, no Grupo de Trabalho *Antropoéticas: outras (etno)grafias*, e no Simpósio *Grafiyas da imagem na Antropologia em ação*¹ – cujos trabalhos estão reunidos neste dossiê, organizado conjuntamente por Patrícia dos Santos Pinheiro, Cláudia Turra Magni e Marília Floôr Kosby.

Em meio ao dilaceramento resultante da violência governamental e ataques contra a ciência, a arte, a cultura, o ensino público, os povos e comunidades que motivam a existência da antropologia, uma sensação de mútuo acolhimento foi compartilhada pelos integrantes daquele evento, em Brasília. A urgência em lidar com a noção de refúgios (HARAWAY, 2016) irrompe do esforço em evitarmos que lógicas solipsistas convertam a produção acadêmica de conhecimento em sistematizações disciplinares epistemicidas (CASTRO-GOMEZ, 2007).

A restrição de alcance que a atual forma de produção intelectual concretiza, a saber, uma produção cada vez mais especializada, feita para os pares (que compartilham o mesmo objeto de estudo ou uma teoria), especialmente sob a forma de artigos acadêmicos, vem apresentando limitações práticas e epistêmicas que não se coadunam mais com a necessidade de descolonização do conhecimento e a busca de relações mais simétricas entre sujeitos. De um lado, em termos práticos, não é incomum irmos para campo e encontrarmos pessoas decepcionadas com os pesquisadores, por sentirem que seus conhecimentos são “usados” pela/para ciência, sem um retorno direto para elas próprias e suas coletividades. De outro lado, uma perspectiva construtivista calcada na separação entre sujeito e objeto, entendendo este segundo como uma realidade exterior passível de ser isolada e conhecida em suas regularidades, vem apresentando limitações.

¹ O GT *Antropoéticas, outras etnografias*, foi coordenado por Patrícia Pinheiro e Flávia Rieth, tendo como debatedoras, Marília Kosby e Claudia Turra Magni. O Simpósio *Grafiyas da imagem na Antropologia em ação* foi coordenado por Claudia Turra Magni e Ana Lúcia Ferraz.

O termo *antropoética*, que aglutina os artigos deste dossiê, foi estimulado por esse desassossego que anseia pela criação, a partir das pesquisas desenvolvidas ao longo de mais de uma década no LEPPAIS², cujo propósito inicial, de estimular e dar sustentação à incorporação de imagens e sons em trabalhos antropológicos, encontrou transbordamentos nas práticas de seus integrantes, que passaram a arriscar-se na conformação de novos lugares de enunciação³. Como descreve Gheirart (2015), a antropoética transita na fronteira entre antropologia e ética, ligando universal e singular, reatando um ser no mundo pela poética.

A gama de múltiplos métodos, técnicas e autores explorados⁴ em nosso grupo de estudos, na interface entre a antropologia e outras disciplinas, busca experimentações poéticas e criativas que envolvem todo o processo de investigação, do trabalho de campo, passando pela análise até a restituição às comunidades implicadas e sociedade abrangente.

Com o propósito de conectar estes três pilares da universidade pública – ensino, pesquisa e extensão – e promover a quebra de fronteiras entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, buscamos potencializar diálogos, interesses e desejos mútuos, reconhecendo, com Wagner (2012), que a criatividade daqueles que estudamos é condição da prática antropológica. Na tentativa de narrar e recriar mundos que descobrimos e, através do trabalho de campo, “inventamos”, nos termos deste autor, arriscamo-nos na exploração, experimentação e desestabilização de escrituras alternativas que tensionam e dão continuidade a expressões, linguagens e metalinguagens que, a partir da antropologia, se expandem para áreas afins.

Em nossas trajetórias de pesquisas, em coparticipação e diálogo com nossos/as interlocutores/as – ou mesmo borrando as fronteiras entre interlocutores e pesquisadores –, propomo-nos a pensar, escrever e criar a partir e através de imagens, expressões e poéticas, que, por sua vez, também nos interpelam. E nesse caminho de criação ampliada, temos nos deparado continuamente com reflexões teóricas, epistemológicas e metodológicas sobre as condições de possibilidades de universos acadêmicos e não acadêmicos construírem conhecimento e experiências de forma conjunta.

Longe de ser um conceito definindo, solução ou resposta para nossas in-

² Criado em 2008, o LEPPAIS (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som) está vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas e é um dos núcleos estruturantes do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

³ Não se trata de um termo novo nem realizamos aqui uma revisão exaustiva, mas sim relatamos como nos afeta.

⁴ Dentre eles, a observação flutuante (PETONNET, 2008), a *flanerie* (BENJAMIN, 2000), o *wayfinding* (INGOLD, 2000) e as deambulações (CARERI, 2013), acompanhadas de registros e ensaios gráficos (INGOLD, 2007; SALAVISA, 2008; TAUSSIG, 2011; KUSCHNIR, 2014; AZEVEDO, 2016;), fotográficos (MEAD; BATESON, 1942; GURAN, 1986; SAMAIN, 2005; NOVAES, 2008; MARTINS, 2011), videográficos (MAC DOUGALL, 1995; PIAULT, 2000; ROUCH, 2003; FERRAZ, CUNHA e HIKIJI, 2006) e sonoros (VEDANA, 2004; ERMEL, 2009); construídas em formas de cartografias poéticas (GUATTARI; DELEUZE, 1980; FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2012), etnoficções (ROUCH, 1995; GONÇALVES, 2008), fotobiografias e etnobiografias (BRUNO, 2009; GONÇALVES, 2008; KOFFES; MANICÁ, 2015), dentre outras perspectivas e modos de escrita antropológica.

quietações, o termo *antropoética* surge como problemática aberta, que se desdobra em questionamentos e exclamações, que funciona pelo seu poder de imantação daqueles que, como nós, estão à procura, valorizam mais o percurso do que a chegada – e até duvidam de que esta, de fato exista.

Através deste termo, acreditamos poder colocar em evidência, não apenas a dimensão *poética* – inventiva, criativa (WAGNER, 2012), características da cultura e, a reboque desta vasta noção, da própria antropologia – mas também a sua dimensão ética. Neste quesito, salientamos dois aspectos incontornáveis da produção científica atual: considerar os corpos, as entidades, os objetos (os modernos e não modernos) como dotados de agência, bem como, narrar os acontecimentos, as memórias, enquanto fluxos de corpos que se tocam, movimentam-se e enunciam lugares de fala – experimentações que aproximam a etnografia daquilo que a escritora brasileira Conceição Evaristo chama de *escrevivências*, o que nos reporta à noção de *conhecimentos situados* por corpos histórico-políticos (HARAWAY, 1995), em que a busca não é por pretensas universalidades ou imparcialidades.

Estes foram desafios enfrentados pelos pesquisadores que atenderam ao nosso apelo, atentos para os modos como se processam os diálogos com e por meio de múltiplas grafias – sobretudo visuais, audiovisuais, literárias e cênicas. Entre hipermídias, filmes, fotos, desenhos, montagens, colagens, pinturas e muitos outros recursos, associados a diversas metodologias e paradigmas, alguns refúgios podem ser estabelecidos.

Assim, na abertura do dossiê temos o ensaio “*Navegando entre Lenguas Salvajes: reflexiones sobre escrituras decoloniales, resistencias lingüísticas y experimentaciones poéticas*”, trabalho em que Kruskaya Cristina Hidalgo Cordero tensiona as fronteiras entre a linguagem acadêmica e a poética, ao lançar mão de estratégias decoloniais de escritura encarnada para narrar a experiência de racialização de imigrantes latino-americanas na Suécia.

Na sequência, em “Desengano da vista é ver”, Maíra Cavalcanti Vale parte da noção de *contaminação* pelo campo para refletir a respeito da inscrição da vida na escrita etnográfica. Em pesquisa realizada no Recôncavo Baiano, abordando experiências como a atualização corporal da espiritualidade negra em Cachoeira, a autora discorre sobre o cotidiano numa escrita que busca seu movimento no ritmo da fala.

Já no ensaio “Belo Sangue Jorrado: uma ave viva no despacho, corporalidades negras, diáspora”, Winnie de Campos Bueno e Marília Floôr Kosby experimentam escrever juntas um texto que tenta descerrar as fronteiras do binômio discursivo nativa/antropóloga, à medida que suas corporalidades são singularizadas no corpo da escritura – uma yalorixá negra, doutoranda em sociologia, e uma antropóloga branca passando por rituais de iniciação no Batuque. Valendo-se de estratégias de grafia para marcar diferenças em suas vozes, nessa narrativa as autoras problematizam temas como racismo, necropolítica e escrita, na infundável busca etnográfica por um ponto de equilíbrio entre saberes de matrizes múltiplas

na elaboração dos conhecimentos antropológicos.

Em “Há um rio que mergulha em mim: ensaio sobre a multiplicidade de caminhos, vidas e experiências no Rio São Francisco (entre Alagoas e Sergipe) e outras antropologias”, Igor Luiz Rodrigues da Silva constrói o texto etnográfico a partir de noções como a de engajamento, em que as técnicas e o corpo do pesquisador se articulam com a paisagem, compartilhando práticas, memórias e processos de conhecimento.

Lara Denise Oliveira Silva e Glória Maria dos Santos Diógenes apresentam o artigo “A cidade é sem fim igual a tua janela: intervenções, afetos urbanos e deambulações em Fortaleza/CE”. A partir de caminhadas pela cidade de Fortaleza, as autoras atentaram para intervenções de arte urbana através de palavras/imagens gravadas com tinta spray em diversas superfícies, visando seguir as linhas de uma malha capaz de traçar narrativas em disputa com os discursos oficiais que permeiam a cidade.

Em “Um museu de imagens vivas: metáforas para uma etnografia poética e política”, Carolina Machado dos Santos aproxima a práxis do grupo Teatro das Oprimidas e as metodologias feministas decoloniais, a partir de um experimento auto-etnográfico de suas vivências como integrante do Núcleo Ocupa Madalena, em Goiânia/GO.

Na sequência, Renato Jacques, em “Ensaio de corpos: a dança contemporânea, o improviso e a indomesticação (co)movente do pensamento”, traz para o texto práticas de improviso apreendidas durante suas pesquisas de mestrado e doutorado, quando experimentou processos criativos e técnicas corporais de “danças contemporâneas”, na cidade de São Paulo. Tais processos culminaram com uma inversão metodológica, de um pensar sobre os corpos para a atuação de corpos pensantes.

Rita de Almeida Cássia nos convida a desacelerar e cultivar espaços de silêncio e atenção a partir de seu experimento poético com um pequeno cristal de quartzo levado em viagens para diferentes ambientes do planeta. Em “Performances corpo-cristal: experiências em fluxo”, ela narra as performances que acionam um tempo onírico de ruptura com o cotidiano, desdobrada em uma exposição em vídeo e arte computacional.

No artigo “A Pirâmide Humana, de Jean Rouch: ensaiando a metodologia da etnoficção”, Ana Lúcia Ferraz lança luz sobre um filme pouco explorado do mestre do cinema etnográfico, para discorrer sobre a forma como o autor trata o tema do racismo e, ao mesmo tempo, estabelece as bases da estrutura dramática que marcará grande parte de sua obra.

“Ribeirinhos do Rio Marinaú, construindo histórias visuais na comunidade São Sebastião”, traduz parte da experiência artística de Sílvia Helena dos Santos Cardoso com jovens que participaram de uma oficina em audiovisual na Floresta Nacional de Caxiuanã (2018), no Pará. Através de seu relato em texto e imagens, a autora propõe um atravessamento da etnografia por uma poética visual.

Fabiana Bruno nos leva a diferentes experimentações das imagens em

seu artigo “Potências da experimentação das grafias no fazer antropológico: Imagens, palavras e montagens”. A partir de suas investigações com fotografias, a autora *interroga as imagens*, visualizadas, imaginadas e narradas, apresentadas em dois movimentos distintos, nas fotobiografias que congregam narrativas visuais de vida e nas fotografias órfãs de imagens desagregadas de suas narrativas históricas e de seus álbuns familiares, que *supervivem* em outros destinos.

Ana Luiza Carvalho da Rocha e Matheus Cervo assinam o artigo “Antropologia em outras linguagens: experiências com o projeto ‘O Livro do Etnógrafo’”, no qual abordam reflexões contemporâneas da Antropologia Visual em outras mídias híbridas a partir dos trabalhos realizados pelo BIEV (Banco de Imagens e Efeitos Visuais, Ufrgs). Partindo de um acervo de produções etnográficas diversas realizadas no contexto metropolitano de Porto Alegre, bem como da plataforma *on-line* “Livro do Etnógrafo”, os autores centram suas discussões na possibilidade de se considerar o híbrido e o processual como essenciais para a compreensão da relação entre escritura etnográfica e fazer artístico, para além do que se convencionou chamar de “artetnografia”.

A história do desenho etnográfico ainda é pouco conhecida. Em “Uma análise da coleção de desenhos etnográficos do Museu Kunstkamera de São Petersburgo”, Aina Azevedo explora este acervo documental *on line* para descobrir o que estava no foco de interesse de exploradores, naturalistas e etnógrafos russos nos séculos XIX e XX, cuja habilidade de desenhar era amplamente compartilhada pelos autores da coleção.

No artigo “Por uma etnografia multissensorial”, Alexsânder Nakaóka Elias revisita sua pesquisa de doutorado desenvolvida junto à comunidade budista *Honmon Butsuryu-shu*, no Brasil. Através das experimentações e montagens verbo-visuais que permeiam toda sua tese, este fotógrafo-antropólogo reflete sobre conceitos seminais da escrita antropológica para considerar relações entre epistemologia e o formalismo/estrutura da etnografia.

Em “Roda/Camada/Oitiva: o antropólogo como feitor de imagens”, de Geslline Giovana Braga, a autora discorre sobre as potencialidades no uso de produções artísticas, especialmente vinculadas à fotografia e às fotomontagens e “quase-colagens”, com panfletos, fotografias, desenhos sobrepostos a imagens bastante difundidas sobre a capoeira. Assim, a partir de pesquisa de doutorado sobre a capoeira no estado do Paraná, Braga traz para o debate o processo de patrimonialização da capoeira, com distintas perspectivas e apropriações sobre o processo.

Na narrativa gráfica “A embalagem brilhante que virou uma borboleta”, Daniela Feriani acompanha João, paciente de um hospital universitário diagnosticado com doenças de Alzheimer e interlocutor da autora desde sua pesquisa de doutorado. Os delírios de seu João, suas torções na linguagem e na percepção, são a substância poética dessa trama grafada em escrita e registros fotográficos. A antropologia apresentada aqui se permite legitimar sintaxes inventivas e conversar articuladamente com as línguas delirantes.

Patrícia dos Santos Pinheiro, Aline Maria da Paixão e Thayonara Marina Santos apresentam “As plantas do quilombo e seus usos: memórias, aprendizados e criatividade na comunidade quilombola de Mituaçu, Conde/PB”, uma seleção de registros visuais feitos durante um projeto de extensão que envolveu alunos da 5ª série da escola quilombola Ovídio Tavares de Moraes, moradoras-mestras no manejo das plantas de uso tradicional, a equipe de antropólogas da Universidade Federal da Paraíba e a direção da escola. Priorizando as vivências cotidianas das interlocutoras, as fotografias que compõem esta narrativa buscaram registrar elementos, narrativas e lugares, instigando reflexividades e perspectivas quilombolas sobre suas trajetórias e historicidade.

No ensaio gráfico “Arroio Pepino, caminhada às margens de um arroio urbano em Pelotas, RS”, coordenado por Flávia Maria Silva Rieth, Francisco Pereira Neto e Adriana Paola Peñafiel, somos apresentadas a um trabalho gráfico coletivo, fruto de uma caminhada pelo Arroio Pepino, realizada por professores e alunos do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. O trabalho engloba desenhos, montagens, poesias e fotografias, permeadas por reflexões teóricas que cruzaram esses caminhos e os debates da Antropologia Urbana e do Meio Ambiente.

A propósito, o desenho que ilustra a capa do presente dossiê é de autoria de Flávia Rieth, e foi feito a partir das reverberações imediatas do GT *Antropoéticas: outras (etno)grafias*, na 31ª RBA. A imagem convoca-nos a “sentipensar” esse gênero de evento acadêmico como acontecimento, lugares que podem ser intensivas linhas de propagação de potência e criatividade para além de si mesmos.

As aproximações de diferentes tipos de narrativas textuais, orais, performáticas e imagéticas, de algum modo, produziram modificações sobre elas, gerando uma espécie de abertura em nossos corpos, nosso olhar, nossa memória, que não se restringe a um fazer ou a um tempo. A favor de uma ciência de sensibilidades e de análises críticas, esses conjuntos rítmicos propostos ao longo dos três dias de nossas atividades durante a 31ª RBA nos mostraram um mundo de potencialidades antropológicas - montagens sensíveis que nos colocam diante de diferentes inteligibilidades, novas grafias, outras visibilidades, diversas imagens.

O presente dossiê, fruto do impacto gerado pelos encontros e fluxos advindos deste evento, pretende dar continuidade às “pontes” erigidas entre seus participantes - tal como invocado na montagem a seguir, com os desenhos de Matheus Hass, realizados durante as apresentações. Estas escrituras híbridas, entrefronteiras, intersticiais, nos abrem os olhos às reflexões do feminismo da diferença (ANZALDÚA, 2012; MORAGA; ANZALDÚA, 1981). Nos desafios que oferecem à classificação e às normatizações puristas, os corpos de narrativas aqui apresentados não se furtam a manter indóceis as línguas nas quais se inscrevem. À revelia do risco de que, aos moldes dos padrões academicistas, pareçamos “falar em línguas” como os proscritos e os loucos (ANZALDÚA, [1981] 2000), anunciamos que manteremos os esforços em educar cada língua possível na árdua e libertadora tarefa de se buscar selvagem.



Desenhos de Matheus Hass, realizados durante a 31a RBA, Brasília, 2018.
Montagem de Claudia Turra Magni.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. Ano 8, 1º semestre, 2000.

_____. **Borderlands. La Frontera: the new mestiza**. 4ªed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

_____. Speaking in tongues: a letter to Third World women writers. In: MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria (orgs.). **This bridge called my back: writings by radical women of color**. New York: Kitchen Table, 1981, p. 165-74.

AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100- 119, jan. / jun. 2016 108.

BATESON, G. e MEAD, M. **Balinese Character**. A protographic analysis. New York: Wilbur G. Valentine, 1942.

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 2000 [1955].

BRUNO, Fabiana. **Fotobiografia**. Por uma antropologia da estética em Antropologia. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. PPG em Multimeios. Campinas, SP. 2009.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**. O caminhar como prática estética. São Paulo: ed. Gili, 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas**. Brasília: ABA, 2015.

ERMEL, Priscilla. A construção de si mesmo: uma experiência etnoaudiovisual com os povos tupi-mondé. IN: BARBOSA, Andréa, CUNHA, Edgar e HIKIJI, Rose Satiko: **Imagem-Conhecimento**. Campinas: Editora Papirus, 2009. PP 159-176

FERRAZ, Ana Lúcia; CUNHA, Edgar Teodoro da; HIKIJI, Rose Satiko. O vídeo e o encontro etnográfico. **Cadernos de Campo** 14/15. São Paulo: USP, 2006.

FONSECA, Tania Mara; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (Org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Gheirart, Oziel. **O tratado Antropoético**. PUC São Paulo. PPG em Ciências Sociais. 2015.

GONÇALVES, Marco Antônio. **O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008

GUATTARI, Felix; DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs** (Capitalismo e Esquizofrenia). Vol. 1. SP: editora 34, 1995 [1980].

GURAN, Milton. Fotografia e pesquisa antropológica. **Caderno de Textos – An-**

topologia Visual, Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1986.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte | Ano 3, n. 5 / Abril de 2016.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, 1995: pp. 07-41.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on Livelihood, dwelling and skill**. Londres: Routledge, 2000.

_____. **Líneas**. Uma breve história. Barcelona, Gedisa, 2007.

KOFES, Suley e MANICA, Daniela (org.). **Vida e Grafias**. Narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. RJ: Lamparina e FAPERJ, 2015.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, 2014.

MACDOUGALL, David. De quem é essa história? **Cadernos de Antropologia e Imagem**, v 5. Rio de Janeiro, UERJ, 1995, pp 93-105.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. SP: Contexto, 2011.

NOVAES, Sylvia Caiubi. **Imagem, magia e imaginação**: desafios ao texto antropológico. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 455-475, 2008.

PIAULT, Marc Henri. **Anthopologie et cinema**. Paris: Nathan, 2000.

PETONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

ROUCH, Jean. Entrevista com Jean-Paul Colleyn. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 1, 1995.

SALAVISA, Eduardo. **Diários de Viagem**. Desenhos do cotidiano. Lisboa: Quimera Editores, 2008.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. São Paulo: UNICAMP, 2012.

TAUSSIG, Michael. **I swear I saw this**. Drawings in fieldwork notebooks, namely my own, The University of Chicago Press, Chicago, 2011.

VEDANA, Viviane. **Fazer a Feira**. Estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

AUTORAS

Patrícia dos Santos Pinheiro

Universidade Federal da Paraíba

E-mail: patriciasantspinheiro@gmail.com

Cláudia Turra Magni

Universidade Federal de Pelotas

E-mail: clauturra@yahoo.com.br

Marília Floôr Kosby

Universidade Federal de Roraima

E-mail: floorkosby@gmail.com